

Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): desafios e conquistas na educação superior



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SÃO CAMILO

©Copyright 2025. Centro Universitário São Camilo.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

*Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH):
desafios e conquistas na educação superior.*

CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO

REITOR

Anísio Baldessin

PRODUÇÃO EDITORIAL

Coordenadora Editorial

Bruna San Gregório

Analista Editorial

Cintia Machado dos Santos

Assistente Editorial

Bruna Diseró

Autoras

Isabella Haber Premisleaner

Gleidis Roberta Guerra

Selma Marquette Molina

Organizadoras

Gleidis Roberta Guerra

Selma Marquette Molina

T696

Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): desafios e conquistas na educação superior / Organizadoras Gleidis Roberta Guerra, Selma Marquette Molina. -- São Paulo: Setor de Publicações - Centro Universitário São Camilo, 2025.
42 p.

Várias Autoras

ISBN 978-85-87121-84-4

1. Inclusão no ensino superior 2. TDAH 3. Educação inclusiva 4. Formação de professores 5. Políticas educacionais 6. Acessibilidade acadêmica 7. Práticas pedagógicas 8. NAPE I. Guerra, Gleidis Roberta II. Molina, Selma Marquette III. Título

CDD: 378

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Ana Lucia Pitta
CRB 8/9316



APRESENTAÇÃO

É com prazer que apresentamos o *e-book* *Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): desafios e conquistas na educação superior*.

Nosso livro está organizado em cinco capítulos, e tem como objetivo oferecer aos docentes mais informações sobre o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Começamos falando um pouco sobre neurociência e diversidade, para que possamos conhecer mais sobre os processos de memória, atenção, funções executivas, motivação e emoções – e, a partir disso, pensarmos em estratégias pedagógicas que possam potencializar a aprendizagem.

Abordamos também as principais características da pessoa com TDAH, seu diagnóstico e a intervenção apropriada.

No campo pedagógico, o *e-book* traz um enfoque nas questões referentes ao TDAH e à educação, sendo nosso principal foco o adulto com TDAH, mas passando pelas dificuldades que ocorrem desde o início da aprendizagem.

O último capítulo apresenta os dados do Núcleo de Acessibilidade Pedagógica (NAPE) em relação aos atendimentos de estudantes com essa condição, as estratégias pedagógicas utilizadas e os recursos facilitadores para o processo de aprendizagem.

Precisamos sempre lembrar que as pessoas com TDAH têm possibilidades infinitas: podem ser criativas, flexíveis, intuitivas e energéticas, além de demonstrarem persistência e habilidades cognitivas únicas.

Profa. Gleidis Roberta Guerra

SUMÁRIO

1 NEUROCIÊNCIA E DIVERSIDADE.....	5
2 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO TDAH.....	15
3 DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO.....	21
3.1 DIAGNÓSTICO DO TDAH.....	23
3.2 INTERVENÇÃO NOS CASOS DE TDAH.....	26
3.2.1 Terapia e apoio aos familiares.....	27
3.2.2 Tratamento medicamentoso.....	28
4 TDAH E EDUCAÇÃO.....	30
5 TDAH E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS.....	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41

1. NEUROCIÊNCIA E DIVERSIDADE

Gleidis Roberta Guerra

Para começar nossa trajetória rumo a uma melhor compreensão sobre o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), conheceremos um pouco do que a Neurociência nos diz sobre a neurodiversidade.

A Neurociência é um campo de estudos dedicado a investigar as diferentes funções do cérebro, desde a sua anatomia e suas reações bioquímicas e eletromagnéticas, até as células nervosas (neurônios) e como estas se interconectam no cérebro. Segundo Costa (2023), esse campo do conhecimento passou por avanços significativos, e hoje coopera com a prática pedagógica, principalmente em relação a algumas estratégias que podem potencializar a aprendizagem.

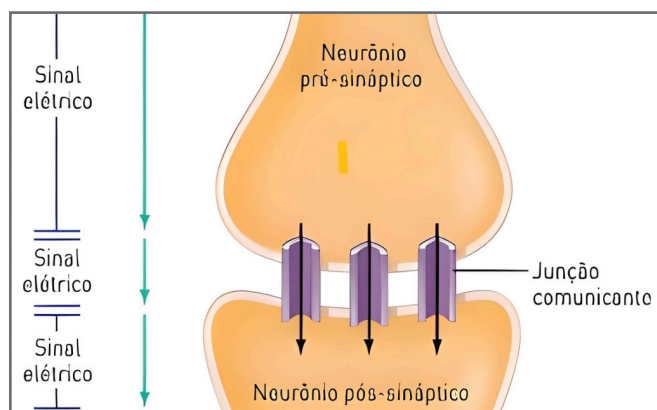
Podemos afirmar que, do ponto de vista da Neurociência, a aprendizagem é vista como modificações que ocorrem no Sistema Nervoso Central (SNC), as quais podem ser mais ou menos permanentes, a partir de estímulos ou experiências vividas, e se traduzem em modificações no cérebro (Costa, 2023).

Para a autora, esse processo envolve a memória, a atenção e as funções executivas, além da motivação e das emoções, as quais se inter-relacionam e possibilitam que o cérebro receba informações e as processe.

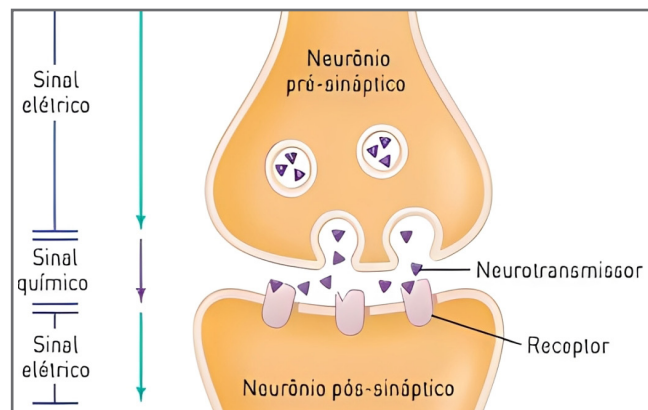
Assim, aprendizagem e neuroplasticidade são processos intrinsicamente associados. O cérebro humano é capaz de fazer e desfazer ligações entre os neurônios, por meio das sinapses, a partir dos estímulos que recebe, sejam estes do ambiente ou do próprio corpo (Costa, 2023). Falaremos mais sobre essa relação ao final deste capítulo.



Segundo Flores (2020), temos os dois tipos de sinapses ilustradas a seguir.



a) sinapse elétrica



B) sinapse química

As sinapses químicas dependem da liberação de neurotransmissores armazenados em vesículas. Esses neurotransmissores são liberados na fenda sináptica e se ligam a receptores localizados na membrana pós-sináptica do neurônio seguinte, permitindo a transmissão dos sinais elétricos. Essas sinapses podem ser excitatórias ou inibitórias.

As elétricas são mais raras no sistema nervoso, porém têm função fundamental na regulação da atividade cardíaca, do sono e da cognição, entre outras ações. Nesse tipo de sinapse, não há intermediação química, portanto, elas são rápidas e auxiliam na sincronização de diferentes áreas do cérebro. São importantes para atenção, memória, raciocínio e linguagem.

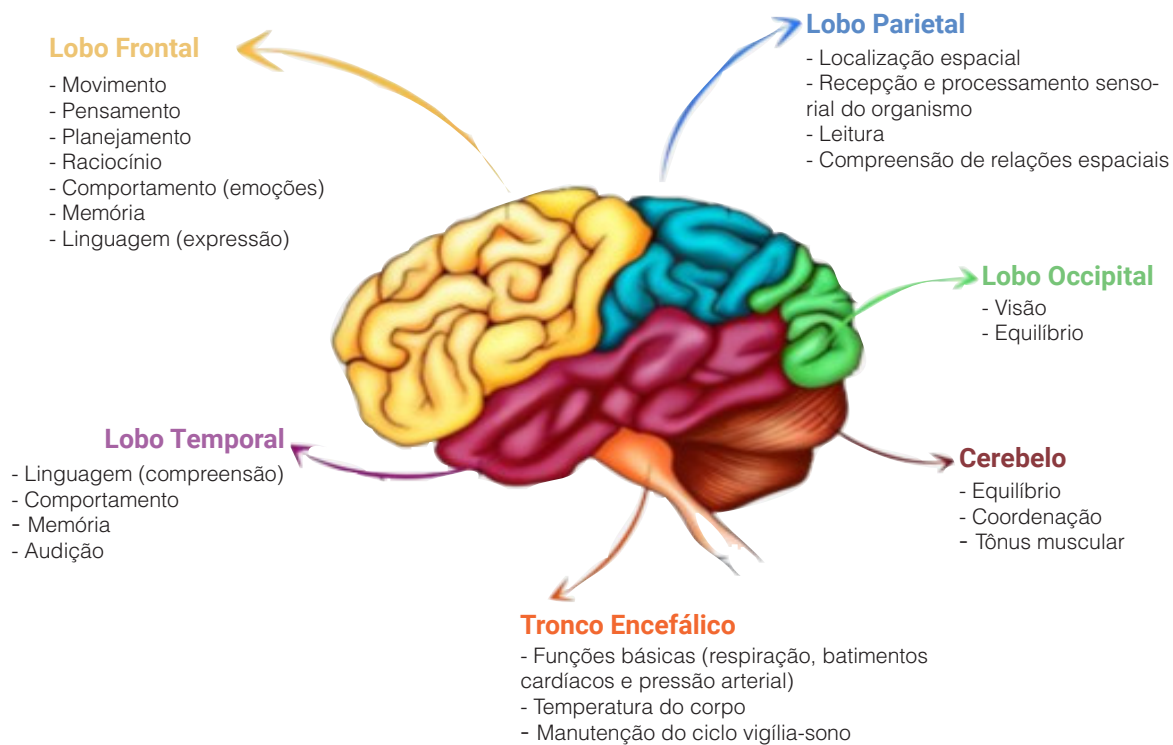
O interessante é que as sinapses elétricas podem ser influenciadas pelo modo de vida, ou seja, a atividade física, o tipo de dieta e a qualidade do sono podem aumentar a densidade das sinapses em áreas relacionadas ao aprendizado e regular várias funções biológicas que podem afetar a qualidade de vida de uma pessoa.



Com base nos estudos da Neurociência, podemos afirmar o quanto o funcionamento cerebral é importante para que a aprendizagem ocorra, visto que aspectos da cognição, como memória, atenção e funções executivas, são ativados a partir das sinapses que a tornam possível.

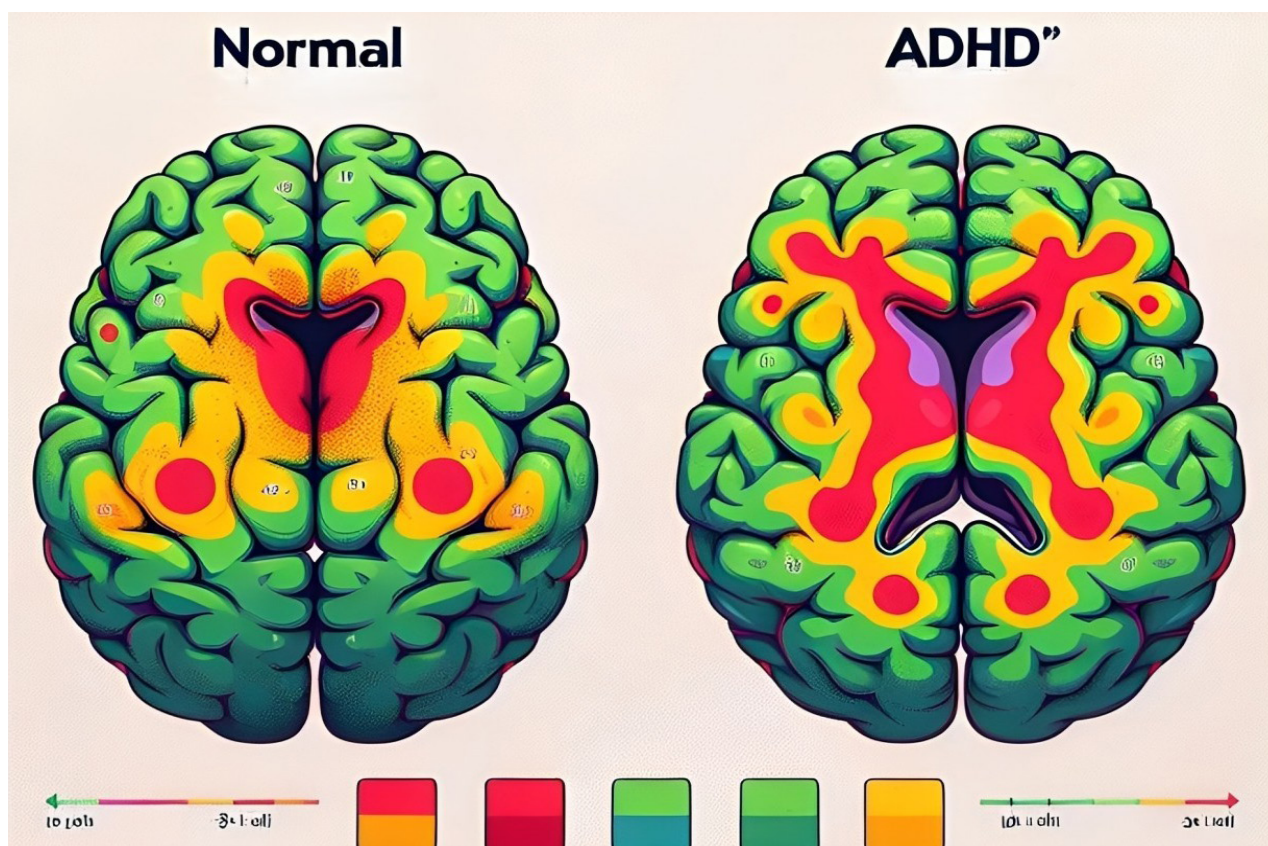
Os estudos já realizados em Neurociência afirmam que o cérebro de pessoas com TDAH funciona de maneira diferente de pessoas típicas, ou seja, há uma disfunção nos neurotransmissores, principalmente da dopamina e da noradrenalina, o que diminui a atividade na região frontal do cérebro (Couto, Melo-Junior e Gomes, 2010).

Para entendermos melhor isso, veremos como o cérebro se divide e quais são as funções de cada região.



Segundo Butman e Allegri (2001), o córtex pré-frontal tem, entre suas funções, o raciocínio social e a tomada de decisões. É, assim, o responsável por nosso controle da atenção, comportamento emocional e social, pensamento e raciocínio, percepção sensorial e compreensão da linguagem.

Portanto, podemos compreender que, se há uma diminuição da atividade nessa região cerebral, algumas dessas funções podem estar comprometidas, o que, em maior ou menor grau, ocorre em pessoas com TDAH.



Fonte: Imagem adaptada de neuro-wave.com e elaborada com o auxílio de recursos de Inteligência Artificial.

Fazendo uma analogia, podemos dizer que essa área do cérebro seria como um maestro regendo uma orquestra, ou seja, sendo o responsável por coordenar todas as ações e pensamentos. A inibição de comportamentos impulsivos, o autocontrole e a capacidade de planejamento e organização podem ser prejudicados pelo mau funcionamento dessa região.

Como vimos anteriormente, um dos neurotransmissores afetados na condição de TDAH é a dopamina, a qual atua na motricidade, na motivação, no bem-estar emocional e no mecanismo de prazer e recompensa. Outro neurotransmissor que também apresenta alteração é a noradrenalina, a qual regula a atenção, o humor, o sono e a vigília. Considerando as funções específicas de cada um desses neurotransmissores, podemos entender melhor o funcionamento da pessoa com esse transtorno.

Topczewski (2014, p. 310) relata o impacto do TDAH no rendimento escolar e relacionamento familiar e social do indivíduo, trazendo ainda a possibilidade da presença de comorbidades tais como “transtorno desafiador opositor, transtorno de conduta, transtorno de ansiedade, depressão, transtorno obsessivo-compulsivo”, o que acarreta sofrimento emocional e compromete a autoestima da pessoa e sua autoimagem.

Ao estudar os medicamentos utilizados para melhorar as condições do TDAH, o autor relata a importância de uma melhora no padrão de sono e controle da ansiedade. A atenção e concentração também devem ser aprimoradas, visando um melhor rendimento acadêmico, o que gera uma influência positiva na autoestima e autoimagem.

Mas, visto que falamos tanto da atenção, como a neurociência compreende esse fenômeno?

Goldberg (2002, p. 113) afirma que a atenção é essencial para que a pessoa interaja de maneira eficaz com seu ambiente, além de subsidiar a organização de nossos processos mentais. “Com a atenção, nós podemos selecionar qual estímulo será analisado em detalhes e qual será levado em consideração para guiar nosso comportamento”.

Consenza (2021) usa a metáfora da lanterna ao falar da atenção. Para ele, a atenção seria como uma lanterna em um local escuro, que pode ser apontada (direcionada) para um estímulo específico, desconsiderando os outros presentes no local. Assim como o ato de direcionar uma lanterna, temos a atenção voluntária, a qual nos permite escolher o objeto que queremos olhar.

Para o autor, o tempo todo recebemos uma enorme quantidade de estímulos, os quais chegam até nós por meio de nossos órgãos sensoriais, ou até mesmo por pensamentos internos, os quais captam nossa concentração, mas podem não estar relacionados com o que precisamos realizar em um determinado momento.

Portanto, é imprescindível que possamos selecionar o que é útil naquele momento e o que pode ser descartado. Para isso, ativamos nossos mecanismos neurais que filtram e priorizam o que é importante, deixando de lado o que é dispensável. Esse processo é chamado de atenção (Consenza, 2021).

Ainda em relação aos mecanismos de atenção, Consenza (2021) pontua que temos um tipo de atenção que pode ser chamada de reflexa, a qual ocorre quando ouvimos, por exemplo, uma sirene; e outra conhecida como voluntária, a qual acontece quando os mecanismos cerebrais nos direcionam para algo que é importante naquele momento.

O autor destaca que a atenção também é importante para controlar nosso comportamento, pois, é por meio desses mecanismos que podemos inibir ou ignorar determinados estímulos. Sendo assim:

É por meio da atenção que monitoramos a todo momento o que estamos fazendo, impedindo, assim, o aparecimento de comportamentos autônomos, que podem ocorrer de forma automática se não estamos vigilantes para garantir a execução de uma conduta considerada mais importante. Por exemplo, inibimos o impulso de comer uma sobremesa tentadora para conter o sobrepeso que o médico nos recomendou evitar. Ou seja, a atenção nos ajuda a evitar a tentação de uma gratificação imediata em nome de algo mais importante, ainda que mais distante no futuro (Consenza, 2021, p. 13).

Dessa forma, temos também a atenção executiva, a qual está relacionada com a autorregulação consciente e força de vontade. O TDAH caracteriza-se, segundo o autor, exatamente pela disfunção desse tipo de atenção, com alteração do processamento emocional e motivacional do cérebro. Sem essa autorregulação, a pessoa com TDAH tem dificuldades para planejar sua conduta, inibindo comportamentos inadequados.

Para a pessoa com TDAH, a maior dificuldade costuma ser manter a atenção por um período prolongado, por exemplo, manter a concentração e persistir em terminar uma tarefa que exija um maior esforço. Mas, além disso, pessoas com essa condição podem ter dificuldades de comunicação e interação social. Cerca de 20 a 60% das pessoas com esse transtorno terão problemas acadêmicos, com baixo rendimento em relação às notas, e isso ocorre devido à dificuldade de organização (habilidade executiva), erros motivados por descuido, não atendimento a solicitações e dificuldade de concluir tarefas (Sulkes, 2024).

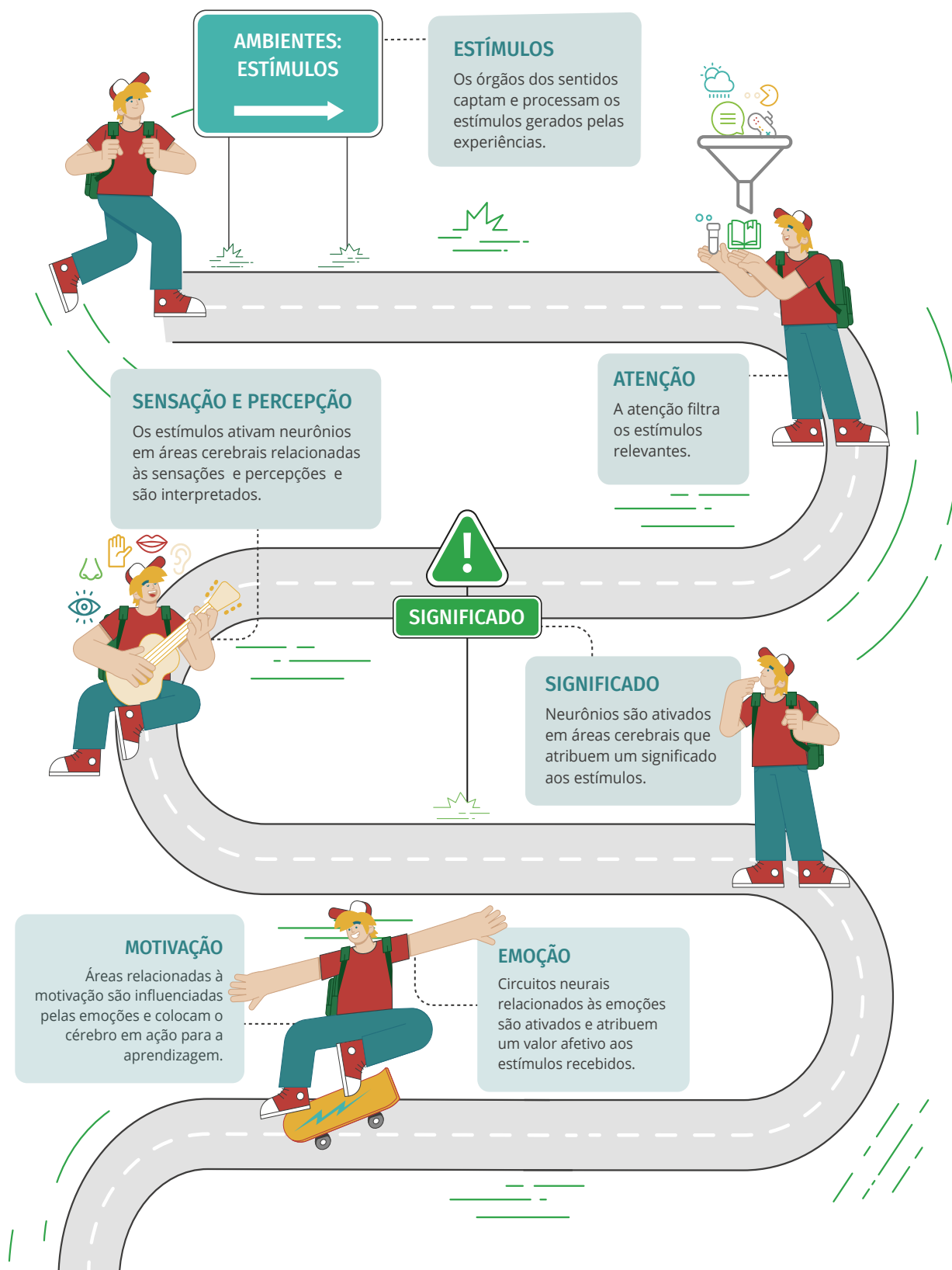
Outro aspecto a ser salientado em relação à atenção é a importância de se ter um índice adequado de vigília. É preciso integrar estado de alerta com foco de atenção, ou seja, ambos estão relacionados à capacidade de processar informações e lidar com tarefas. Portanto, dormir bem, praticar exercícios físicos, eliminar distrações, ter uma boa alimentação, fazer pequenas pausas ao longo do dia e definir prioridades, a partir de uma boa gestão do tempo, também são fundamentais para um bom rendimento acadêmico (Fagali, [s. d.]

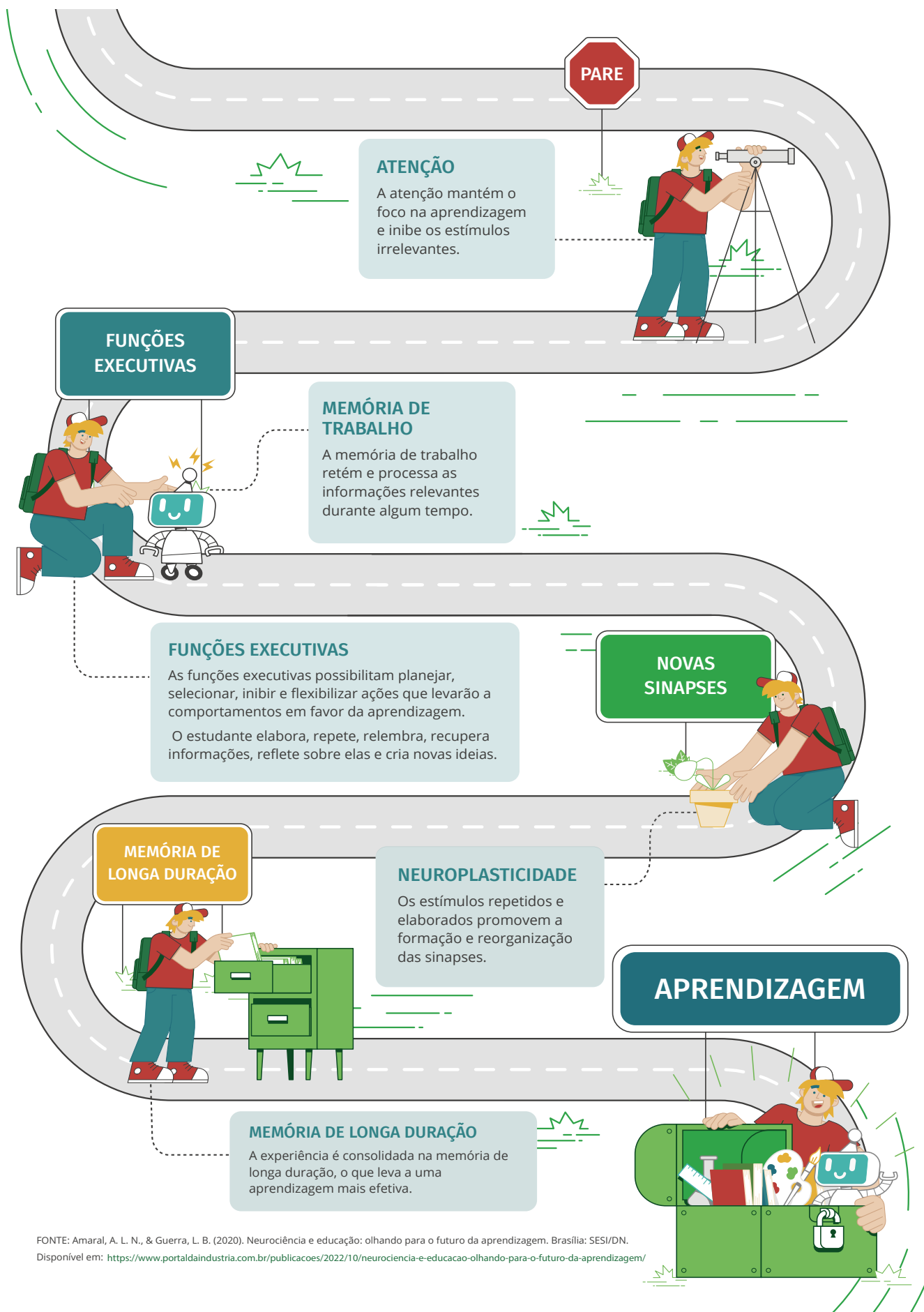
Para finalizarmos este capítulo, é importante entendermos o papel da neuroplasticidade na aprendizagem. A neuroplasticidade, segundo Aranha (2024) “se refere à capacidade do sistema nervoso de se reorganizar, formar novas conexões sinápticas e até mesmo gerar novos neurônios ao longo da vida”.

Com essa visão, podemos perceber que o cérebro não é um órgão estático, ou imutável após certo período do desenvolvimento. Todo o SNC é dinâmico, ou seja, é capaz de adaptar-se e modificar-se, reorganizando-se a partir das experiências. “Desde a primeira infância até a velhice, o SNC humano mantém essa capacidade de adaptação, o que é particularmente pronunciado em períodos críticos de desenvolvimento” (Aranha, 2024).

Abaixo, veremos o infográfico publicado por Amaral e Guerra (2020 *apud* Aranha, 2024) e que ilustra os principais aspectos para que a aprendizagem aconteça.

COMO O CÉREBRO APRENDE? OS CAMINHOS DA APRENDIZAGEM





Para finalizar, seguem algumas estratégias que podem ser utilizadas nas práticas educacionais para aplicar os princípios da neuroplasticidade em sala de aula:

1. Ensino multissensorial: abordagens que envolvem múltiplos sentidos podem reforçar a aprendizagem de maneira significativa. Atividades que combinam estímulos visuais, auditivos e cinestésicos ajudam a criar memórias mais robustas e duradouras.

2. Aprendizagem colaborativa: promover o trabalho em grupo e a colaboração entre estudantes estimula áreas do cérebro associadas à empatia e à comunicação, fortalecendo as redes neurais envolvidas nesses processos.

3. Feedback imediato: oferecer *feedback* imediato e construtivo permite que estudantes corrijam seus erros e ajustem suas abordagens rapidamente, facilitando a formação de novas conexões neurais.

4. Variedade de estímulos: alternar entre diferentes tipos de atividades, como leitura, discussão, prática e experimentação, mantém o cérebro engajado e promove a plasticidade neural (Aranha, 2024).

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. L. N.; GUERRA, L. B. **Neurociência e educação: olhando para o futuro da aprendizagem**. Brasília: SESI/DN, 2022. Disponível em: https://static.portaldaindustria.com.br/media/filer_public/cc/88/cc88a52c-c306-4460-94bb-7d9ab22f8fea/como_o_cerebro_aprende.pdf. Acesso em: 28 maio 2025.
- ARANHA, G. Neuroplasticidade e seu impacto na aprendizagem. **Ciências e Cognição**, 21 maio 2024. Disponível em <https://cienciasecognicao.org/redeneuro202401/>. Acesso em: 28 maio 2025.
- BUTMAN, J.; ALLEGRI, R. F. A cognição social e o córtex cerebral. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 2, p. 275-279, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/PG95ckQWwHxJzsydWVHGrsy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2025.
- CONSENZA, R. M. **Neurociência e mindfulness**. Porto Alegre: Artmed, 2021.
- COSTA, R. L. S. Neurociência e Aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, e280010, p. 1-22, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/ZPmWbM6n7JN5vbfj8hfbfyfK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2025.
- COUTO, T. S.; MELO-JUNIOR, M. R.; GOMES, C. R. A. Aspectos neurobiológicos do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): uma revisão. **Ciência & Cognição**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 241-251, 2010. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000100019. Acesso em: 28 maio 2025.
- FAGALI, E. Q. **Neurociência em conexão com os fatores sócio-históricos frente aos desafios das dificuldades de aprendizagem**. Unidade Educacional Neurociências e Educação. Módulo II. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, [s. d.].
- FLORES, D. Sinapses. **Escola Educação**, 17 abr. 2020. Disponível em <https://escolaeducacao.com.br/sinapses/>. Acesso em: 28 maio 2025.
- GOLDBERG, E. **O cérebro executivo: lobos frontais e a mente civilizada**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- SULKES, S. B. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). **Manual MSD**, abr. 2024. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt/profissional/pediatria/dist%C3%BArbios-de-aprendizagem-e-desenvolvimento/transtorno-de-deficit-de-aten%C3%A7%C3%A3o-hiperatividade-tdah>. Acesso em: 28 maio 2025.
- TOPCZEWSKI, A. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade: uma vertente terapêutica. **Revista Einstein**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 310–313, 2014. Disponível em: https://journal.einstein.br/wp-content/uploads/articles_xml/2317-6385-eins-12-03-0310-O2925/2317-6385-eins-12-03-0310-O2925-pt.pdf. Acesso em: 28 maio 2025.

2. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO TDAH

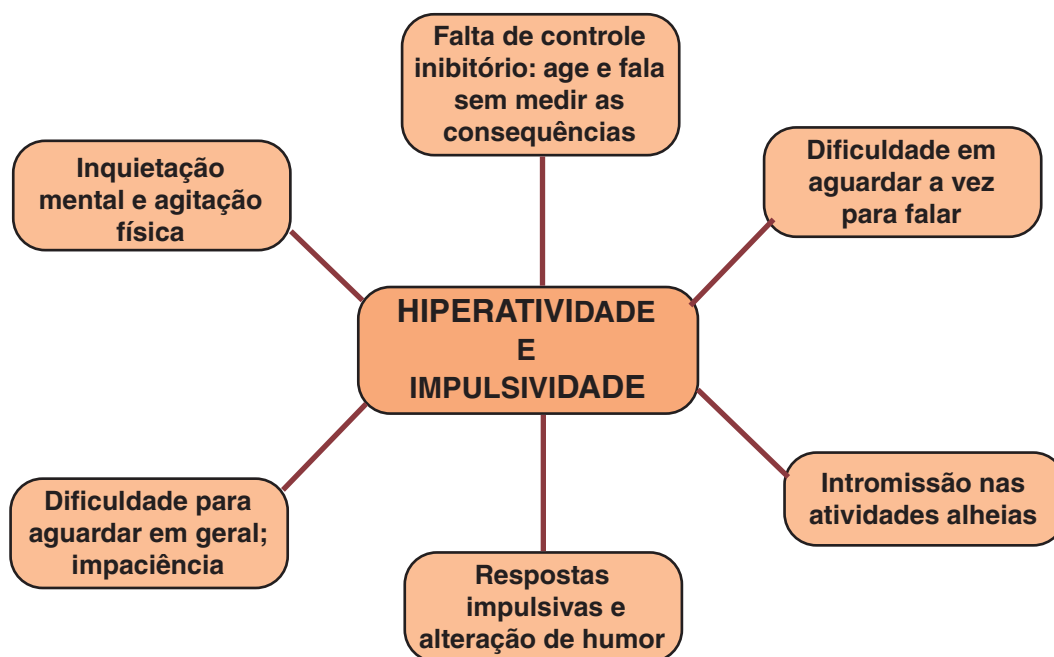
Selma Marquette Molina

É recorrente pensarmos no TDAH relacionado a crianças, e não é raro associá-lo à ideia de crianças inquietas, impulsivas e desatentas. Mas e o adulto com TDAH? Quais são as características desse transtorno na fase de vida adulta?

Neste capítulo, discutiremos sobre as características do TDAH, enfatizando a faixa etária acima dos dezessete anos, tomando como base o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua quinta edição, elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2023).

O TDAH é um dos transtornos do neurodesenvolvimento (APA, 2023). As condições que configuram esses transtornos começam a se evidenciar na infância, “[...] sendo caracterizados por déficits no desenvolvimento ou diferenças nos processos cerebrais, o que acarreta prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional” (APA, 2023, p. 132). Especificamente, o TDAH é caracterizado por:





Nos adultos, esses aspectos se manifestam com algumas particularidades, trazendo prejuízos para as relações cotidianas, visto que afetam um conjunto de habilidades cognitivas, definidas como funções executivas, as quais, entre outras coisas, são responsáveis pelo autocontrole, foco, gerenciamento de tempo, organização, planejamento, escolha de prioridades, definição entre dados relevantes e irrelevantes e mudança de estratégias para resolução de problemas.



DESATENÇÃO

Na fase adulta, a desatenção se caracteriza por distrações, as quais levam a pessoa a parecer desajeitada ou desastrada. Costuma se desorganizar em relação à sua agenda e à sua prioridade de compromissos, além de apresentar “[...] dificuldade de manter o foco em uma única tarefa, perda de interesse em atividades que necessitam de esforço mental (como ler, estudar, prestar atenção em detalhes e dar continuidade a uma simples conversa)” (Melani *et al.*, 2024, p. 7).

HIPERATIVIDADE

Quanto à hiperatividade, nem sempre o adulto apresentará a inquietação física, característica da infância. Essa característica “[...] pode se manifestar como inquietude extrema ou desgaste dos outros com sua atividade” (APA, 2023, p. 179). Muitas vezes, assume a responsabilidade por diversas atividades, não conseguindo finalizar a maioria.

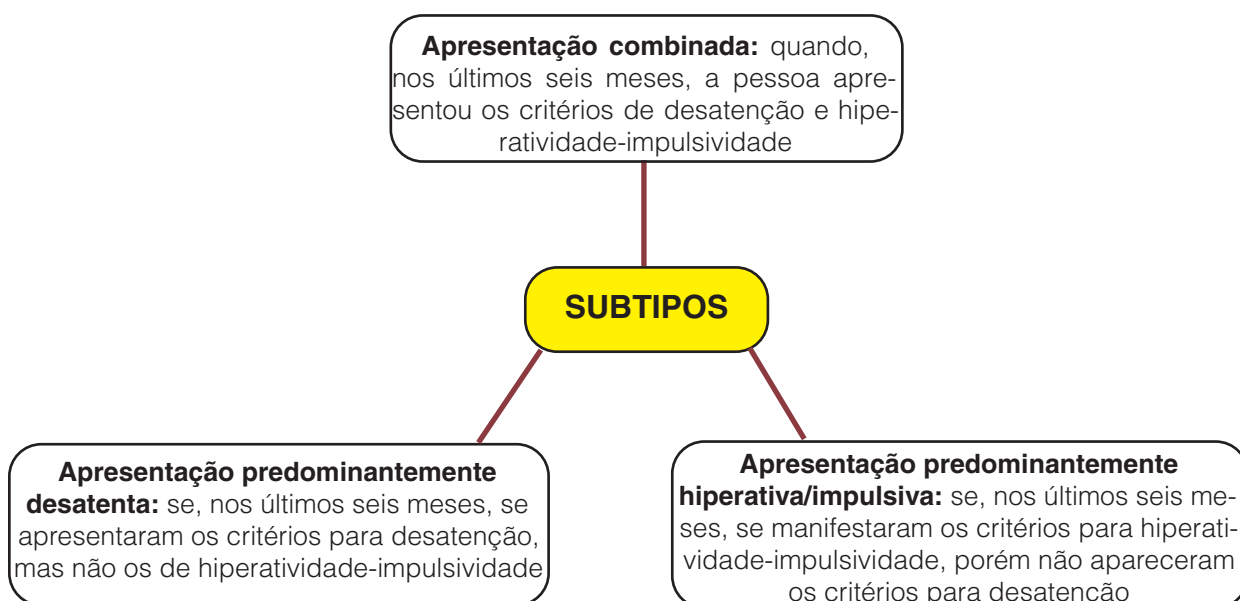


IMPULSIVIDADE

A impulsividade, nos adultos, costuma gerar sérias dificuldades, pois se caracteriza por:

[...] ações impensadas que fogem ao controle e aos filtros sociais. Mínimos estímulos podem gerar grandes respostas. A complexidade da impulsividade no TDAH é imensurável. Alguns comportamentos na vida adulta podem ser identificados, tais como: ações precipitadas; desejo de recompensa imediata; dificuldade em aguardar, seja para falar ou para fazer algo; baixa tolerância à frustração; instabilidade de humor e reações emocionais exageradas (Melani *et al.*, 2024, p. 8).

As características que definem o TDAH podem se apresentar com intensidade e combinações variadas, de indivíduo para indivíduo, sendo organizadas em três subtipos, conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2023):



Para além das características apresentadas, utilizadas como critérios para diagnosticar uma pessoa com TDAH, existem outras, também importantes, que evidenciam particularidades positivas do transtorno.

Pesquisas acadêmicas enfatizam o que se verifica no dia a dia daqueles que convivem com pessoas com TDAH. Respeitando as variáveis da diversidade e da subjetividade humana, são pessoas que manifestam criatividade, sensibilidade, inteligência aguçada, espontaneidade, energia para a vida e alegria.

Na pesquisa de doutorado de Papadopoulos (2018, p. 118), a autora afirmou que:



[...] na relação dos estudantes entrevistados com a entrevistadora foi possível constatar que todos, sem exceção, se apresentaram como pessoas agradáveis, alegres, interativas e participativas. [...] Pode-se afirmar que as características pessoais desses estudantes foram consideradas positivas para eles, pois tiveram como resultado um desenvolvimento que consideram saudável, apesar das adversidades enfrentadas, despertando, fomentando e sustentando as operações dos processos proximais nos contextos durante o percurso escolar e, atualmente, de graduação. Entretanto, não se pode desconsiderar que nenhuma característica exerce influência no desenvolvimento de forma isolada, precisando ser entendida na relação que estabelece com características psicológicas da pessoa e as de um ambiente específico.

Sendo assim, revela-se a importância de que docentes, ao planejarem suas aulas, utilizem estratégias que possam atender às necessidades específicas de estudantes com TDAH, considerando, igualmente, as particularidades positivas desses indivíduos, desenvolvendo aulas dinâmicas, criativas e interativas, o que poderá auxiliar para uma boa relação de ensino e aprendizagem para todos, docentes e estudantes com ou sem algum transtorno do neurodesenvolvimento.



Propiciar um ambiente educacional inclusivo e acolhedor é basilar para que a pessoa com TDAH possa se sentir segura, manifestando suas potencialidades, pois, do contrário, poderá se retrair, apresentando problemas comportamentais e baixa autoestima. Essa compreensão é relevante ao considerar que:



A relação entre sintomas do TDAH e dificuldades na adaptação acadêmica é parcialmente mediada pela autoestima do indivíduo. Então, sugere-se que as intervenções promovidas no contexto universitário busquem aumentar o nível de autoestima e desenvolver habilidades sociais desses estudantes para auxiliá-los a melhorar seu desempenho e a satisfação com a universidade (Oliveira; Dias, 2015, p. 622).

Ampliaremos a compreensão sobre os aspectos pedagógicos que estimulam o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno da Educação Superior mais à frente, em outro capítulo deste livro.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

MELANI, I. L.; RAMOS, G. A.; BARBOSA, F. M.; NOGUEIRA, A. F.; FREITAS, M. dos S.; SOUZA, N. M. de; CORDEIRO, B. G. Instrumento de avaliação de TDAH adulto: prejuízos nas habilidades sociais que impactam a rotina de trabalho. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 1-16, 2024. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/68248/48480>. Acesso em: 28 maio 2025.

OLIVEIRA, C. T. de; DIAS, A. C. G. Repercussões do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) na experiência universitária. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 2, p. 613–629, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/xjfSv7gVzqVGhx3hjtCQw7s/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2025.

PAPADOPOULOS, C. R. **A trajetória acadêmica de estudantes universitários diagnosticados com TDAH à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

3. DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO

Gleidis Roberta Guerra

Neste capítulo, trataremos do diagnóstico e da intervenção do TDAH, mas antes precisamos compreender alguns conceitos importantes.

Já parou para pensar se dificuldade de aprendizagem e transtorno/distúrbio de aprendizagem são a mesma coisa?

Na verdade, há uma diferença entre esses termos, a qual precisamos conhecer. A dificuldade de aprendizagem é pontual, ela ocorre durante um período da vida de uma pessoa, ou até mesmo está relacionada a uma disciplina, a um assunto específico que foi tratado, a um aspecto que não foi bem compreendido durante a aula. Geralmente, ocorre por situações extrínsecas ao aluno, ou seja, questões como metodologia, ambiente desfavorável, aspectos emocionais, entre outros, que podem levar a essa dificuldade.

O transtorno (ou distúrbio) de aprendizagem, por sua vez, é inerente à pessoa e pode estar relacionado a questões sensoriais, cognitivas, do neurodesenvolvimento, entre outras. É preciso saber que essa condição a acompanhará por toda a vida, embora, com estímulo favorável, metodologias adequadas e adaptação de estratégias pedagógicas, ela possa aprender e se desenvolver.

Mori *et al.* (2015) destacam como é crescente o número de estudantes que apresentam dificuldades na aprendizagem, mas pontuam a importância do diagnóstico diferencial entre o que é dificuldade e o que é distúrbio, e a importância do professor nesse diagnóstico. Para as autoras:

É importante que se entenda o que cada terminologia diagnóstica significa no que diz respeito a habilidades linguísticas e cognitivas. Desta forma, ao serem identificados os problemas, pode-se realmente detectar se a causa está nas dificuldades linguístico-cognitivas que o escolar apresenta ou se o problema está na prática pedagógica do professor (Mori *et al.*, 2015, p. 54).

Podemos dizer que os transtornos de aprendizagem, diferentemente das dificuldades, trazem também alterações em outros componentes, como na linguagem, o que levará a alterações cognitivo-linguísticas que dificultarão o processo escolar (Mori *et al.*, 2015).

Segundo a Associação Americana de Psiquiatria (APA, 1994), 40% dos alunos que apresentam problemas de aprendizagem acabam evadindo da escola, ou ainda se tornam indisciplinados e agressivos, negando-se a realizar as atividades, faltando ou chegando atrasados e não prestando atenção na aula.

É fundamental que o professor perceba que esses comportamentos, muitas vezes, são uma forma de ir contra o sistema, frente às dificuldades que apresentam, e a postura do docente pode identificar os aspectos subjacentes a essas atitudes, trazendo o aluno “de volta” para a sala de aula.

Para entendermos a importância da observação do professor em relação aos comportamentos dos estudantes em sala de aula, podemos nos referir ao DSM-4, que é o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (APA, 1994), o qual, embora não seja o último lançado (estamos na quinta edição do manual, atualmente), destaca que a desmoralização e a baixa autoestima podem estar associadas às dificuldades de aprendizagem e influenciar o progresso de escolares com distúrbio de aprendizagem.

Algumas observações podem ser feitas pelo docente em sala de aula, para identificar quais problemas de aprendizagem podem estar ocorrendo: falta de motivação para aprendizagem, muita agitação ou apatia, relacionamento inadequado com colegas, não assimilação ou esquecimento rápido do que é ensinado e bom desempenho em tarefas não escolares.

A atuação do docente frente aos problemas encontrados em sala de aula é fundamental para o sucesso do aluno. Veja os quadros a seguir sobre o que evitar e quais atitudes positivas tomar.

Quadro I – Atitudes a serem evitadas pelo professor

Ressaltar as dificuldades do aluno, diferenciando-o dos demais.
Mostrar impaciência com a dificuldade expressada pelo estudante ou interrompê-lo várias vezes.
Corrigir o aluno frequentemente diante da turma.
Ignorar o aluno em sua dificuldade.

Adaptado de: Rochaël (2009 *apud* Mori *et al.*, 2015).

Quadro II – Atitudes positivas do professor

Não forçar o aluno a fazer a atividade quando estiver nervoso por não ter conseguido.
Explicar a ele suas dificuldades e dizer que está ali para ajudá-lo sempre que precisar.
Evitar que o aluno se sinta inferior.
Considerar o problema de maneira serena e objetiva.
Avaliar o desempenho do aluno pela qualidade de seu trabalho.
Propor atividades lúdicas para o aprendizado.
Usar situações concretas nas explicações para uma melhor compreensão.

Adaptado de: Rochaël (2009 *apud* Mori *et al.*, 2015).

3.1 DIAGNÓSTICO DO TDAH

Entrando mais especificamente nos aspectos relacionados ao TDAH, seu diagnóstico deve ser feito levando em consideração o último Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais publicado: o DSM-5 (APA, 2013).

O DSM-5 (APA, 2013) aponta nove sinais/sintomas de hiperatividade e nove sinais/sintomas de desatenção, os quais veremos a seguir. Para que o diagnóstico seja feito, é necessário que, no mínimo, seis desses sinais/sintomas estejam presentes, de um ou de ambos os grupos.

Para o diagnóstico, também é necessário que os sinais/sintomas estejam presentes por pelo menos seis meses, o que pode ser um aspecto diferenciador entre transtorno e dificuldade.

É importante observar se esses comportamentos ocorrem em mais de uma situação. No caso da criança, em casa e na escola. No adulto, na vida cotidiana, que envolve a casa, o trabalho e os estudos. Esses comportamentos devem estar mais pronunciados do que em pessoas sem TDAH na mesma faixa etária.

Outro aspecto crucial que deve ser percebido é que, mesmo quando o diagnóstico é feito tardiamente, eles devem estar presentes antes dos 12 anos de idade e interferir em sua capacidade funcional, trazendo prejuízos para sua vida em geral.

Veja, a seguir, nos Quadros III e IV, os sinais e sintomas da desatenção e hiperatividade, segundo a APA (2013).

Quadro III – Sinais e sintomas de desatenção

Não presta atenção a detalhes ou comete erros descuidados em trabalhos escolares ou outras atividades.
Tem dificuldade em manter a atenção em tarefas na escola ou durante jogos.
Não parece prestar atenção quando abordado diretamente.
Não acompanha instruções e não completa tarefas.
Tem dificuldade para organizar tarefas e atividades.
Evita, não gosta ou é relutante em se envolver em tarefas que requerem manutenção do esforço mental durante longo período de tempo
Frequentemente perde objetos necessários para tarefas ou atividades escolares.
Distrai-se facilmente.
É esquecido nas atividades diárias.

Quadro IV – Sinais e sintomas de hiperatividade

Movimenta ou torce mãos e pés com frequência.
Frequentemente movimenta-se pela sala de aula ou por outros locais.
Corre e faz escaladas com frequência excessiva quando esse tipo de atividade é inapropriado.
Tem dificuldades de brincar tranquilamente.
Frequentemente movimenta-se e age como se estivesse “ligado na tomada”.
Costuma falar demais.
Frequentemente responde às perguntas de modo abrupto, antes mesmo que elas sejam completadas.
Frequentemente tem dificuldade de aguardar sua vez.
Frequentemente interrompe os outros ou se intromete.

Em relação aos comportamentos relatados nos quadros acima, no adulto, podemos observar algumas diferenças, visto que, com o desenvolvimento e a maturidade, algumas características vão sendo modificadas pelas próprias experiências vividas. Nos adultos, podemos observar o descrito a seguir.

Quadro V – Características do adulto com TDAH

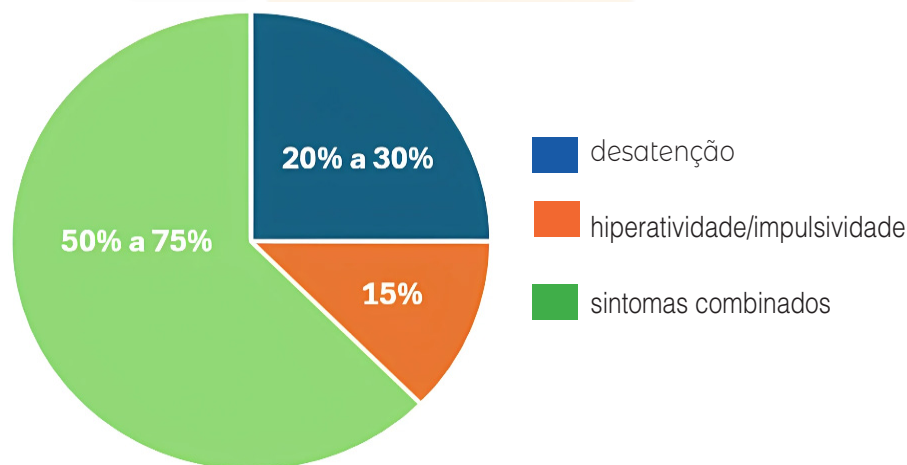
Dificuldade de concentração.
Dificuldade de concluir tarefas (comprometimento das funções executivas).
Oscilações de humor.
Dificuldade de manter relacionamentos.
A hiperatividade em adultos geralmente se manifesta como agitação e inquietação, no lugar da clara hiperatividade motora que ocorre em crianças pequenas.
Adultos com TDAH tendem a ter maior risco de desemprego, menor realização educacional e maiores taxas de uso abusivo de substâncias e criminalidade.
Acidentes e violações de trânsito são mais comuns.

Fonte: Sulkes (2024).

Assim como para outros transtornos de aprendizagem, o diagnóstico do TDAH é feito por meio de observação clínica, testes específicos e questionários de rastreamento, que são diferentes quando realizados com crianças, adolescentes e adultos.

Alguns dos questionários mais utilizados no Brasil são o ASRS-18 (adultos) e o SNAP IV (crianças e adolescentes). Além disso, uma boa anamnese, levantando o histórico clínico, educacional e familiar, e observação do paciente são fundamentais para o fechamento do diagnóstico, o qual deve ser feito por profissional habilitado para tal.

Para finalizar, salientamos que cada pessoa com TDAH é diferente da outra. O transtorno pode se manifestar de diferentes formas. Dependendo da quantidade de sinais/sintomas apresentados, pode ser classificado em graus que variam entre leve, moderado e severo, e pode englobar ambos os aspectos (desatenção e hiperatividade), como ter predominância de apenas um deles, sendo atualmente:



O subtipo desatento é mais comum no sexo feminino e causa maior prejuízo acadêmico. O subtipo combinado, por sua vez, é o que gera maior prejuízo geral.

Também precisamos saber que pode haver comorbidades associadas ao TDAH, bem como outras condições com características semelhantes, sem necessariamente ser o transtorno. Assim, um bom diagnóstico diferencial é essencial para que o processo de intervenção seja bem-sucedido.

3.2 INTERVENÇÃO NOS CASOS DE TDAH

A intervenção para TDAH, bem como para outros transtornos de aprendizagem, no caso de estudantes de diferentes níveis de ensino, deve respeitar a tríade Pessoa – Família – Instituição Educacional. Ou seja, é importante que não apenas a pessoa diagnosticada com TDAH seja estimulada, mas também a família e o espaço educacional compreendam as necessidades dessa pessoa e promovam adequações no ambiente (família) e nas estratégias pedagógicas (instituição educacional).

- O tratamento do TDAH é multimodal
- Psicoeducação sobre o transtorno
- Acomodações pedagógicas
- Terapia e apoio dos familiares
- Tratamento médico especializado

Para uma efetividade a longo prazo, o tratamento e o acompanhamento das pessoas com essa condição devem ser multimodais, ou seja, deve haver a atuação em diferentes frentes para se ter sucesso no processo de intervenção.

3.2.1 Terapia e apoio aos familiares

Do ponto de vista da terapia e do apoio aos familiares, dependendo da idade do diagnóstico e das dificuldades encontradas pela pessoa com TDAH, acompanhamentos psicológico, fonoaudiológico, psicopedagógico e de terapia ocupacional podem ser indicados. De maneira geral, essas terapias auxiliam a desenvolver habilidades adaptativas, melhorando a qualidade de vida.

Quadro VI – Benefícios da terapia

Ajudam a reconhecer e enfrentar dificuldades.
Desenvolvem habilidades para solucionar problemas.
Aumentam a autoestima.
Melhoram a sensibilidade emocional.
Diminuem os atrasos e esquecimentos.
Melhoram a concentração.
Melhoram o funcionamento acadêmico e profissional.
Controlam impulsos e agitação.
Desenvolvem padrões de comportamentos e pensamentos.
Estabilizam a emoção.

3.2.2 Tratamento medicamentoso

Na questão relativa ao tratamento médico especializado e medicamentoso, é importante ressaltar que nem toda pessoa com TDAH necessitará de medicação, ou ainda necessitará de medicação contínua. Por isso, um bom diagnóstico, que verifique as necessidades específicas do sujeito, é fundamental para que o médico possa prescrever, caso haja necessidade, a melhor conduta farmacológica.

Deve ficar claro que, quando bem diagnosticado e com uma medicação prescrita a partir da real necessidade da pessoa, o tratamento farmacológico pode auxiliar muito, não apenas nas questões acadêmicas, mas também no cotidiano da pessoa com TDAH.

Os medicamentos geralmente utilizados são considerados psicoestimulantes e buscam promover uma mudança no comportamento da pessoa. Como vimos em um capítulo anterior, no TDAH, há uma disfunção nos neurotransmissores, principalmente na dopamina e noradrenalina. A medicação busca equilibrar o SNC, aumentando os níveis dos neurotransmissores deficitários, melhorando a atenção e concentração, reduzindo a hiperatividade e controlando a impulsividade, mas deve ser administrada cautelosamente e somente quando necessária (Minniti *et al.*, 2021, p. 17914).

Esse tipo de fármaco está no mesmo parâmetro de classificação das anfetaminas. Seu mecanismo bloqueia o transportador dopaminérgico do organismo, aumentando o nível de dopamina na via mesocorticolímbica. Consequentemente, esta droga pode causar dependência devido à ativação deste neurotransmissor, o qual gera a sensação de prazer.

A medicação, embora necessária e efetiva muitas vezes, pode trazer alguns efeitos colaterais, os quais devem ser observados com cuidado e sempre relatados ao médico que acompanha a pessoa. Os efeitos estão descritos no quadro a seguir.

Quadro VII – Efeitos colaterais da medicação para TDAH

Distúrbios do sono (tais como insônia)
Supressão do apetite
Cefaleias
Dor de estômago
Frequência cardíaca e pressão arterial elevadas
Depressão, tristeza ou ansiedade

Adaptado de: Sulkes (2024).

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA (APA). **Manual de diagnóstico e estatística de distúrbios mentais: DSM-IV**. 4. ed. São Paulo: Manole, 1994.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA (APA). **Manual diagnóstico e estatística de distúrbios mentais: DSM-V**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 1º dez. 2021.

MINNITI, G.; MARÇAL, B. B.; MARIN, B. T.; MUJAHED, G. B. U.; ARRABAL JÚNIOR, J. R.; SANTOS, N. R.; BUENO, P. C. dos S. O consumo de drogas psicoestimulantes entre estudantes de medicina. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 17912-17921, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/34823/pdf>. Acesso em: 28 maio 2025.

MORI, M. R. R.; MENEZES, A. A. F.; SILVA, F. M. da; DOURADO, G. F.; BONFIM, R. M. Diferenças entre distúrbio e dificuldade de aprendizagem e o papel do professor no desenvolvimento acadêmico e emocional do aluno. **Revista Funec Científica – Educação**, Santa Fé do Sul, v. 1, n. 1, p. 53-61, 2015. Disponível em: <https://seer.unifunec.edu.br/index.php/EDUC/article/view/1597/1593>. Acesso em: 28 maio 2025.

SULKES, S. B. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). **Manual MSD**, abr. 2024. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/pediatria/dist%C3%BArbios-de-aprendizagem-e-desenvolvimento/transtorno-de-deficit-de-aten%C3%A7%C3%A3o-hiperatividade-tdah>. Acesso em: 28 maio 2025.

4. TDAH E EDUCAÇÃO

Selma Marquette Molina

No contato com estudantes com TDAH na Educação Superior, comumente ouvimos relatos sobre a autoavaliação realizada quanto ao aproveitamento acadêmico. Esses alunos, em grande número, se consideram inferiores a seus colegas de curso. Muitos relatam que cresceram sendo estigmatizados como preguiçosos, “sem cabeça”, desinteressados, incapazes de aprender, entre outras denominações.

Alguns desses alunos foram diagnosticados tardiamente, passando quase todo, ou todo, o período da escola básica sem compreenderem o motivo de aprenderem em outro ritmo em relação aos colegas de turma, assim como se incomodarem e reagirem de forma diferente à reação de seus colegas às situações cotidianas.

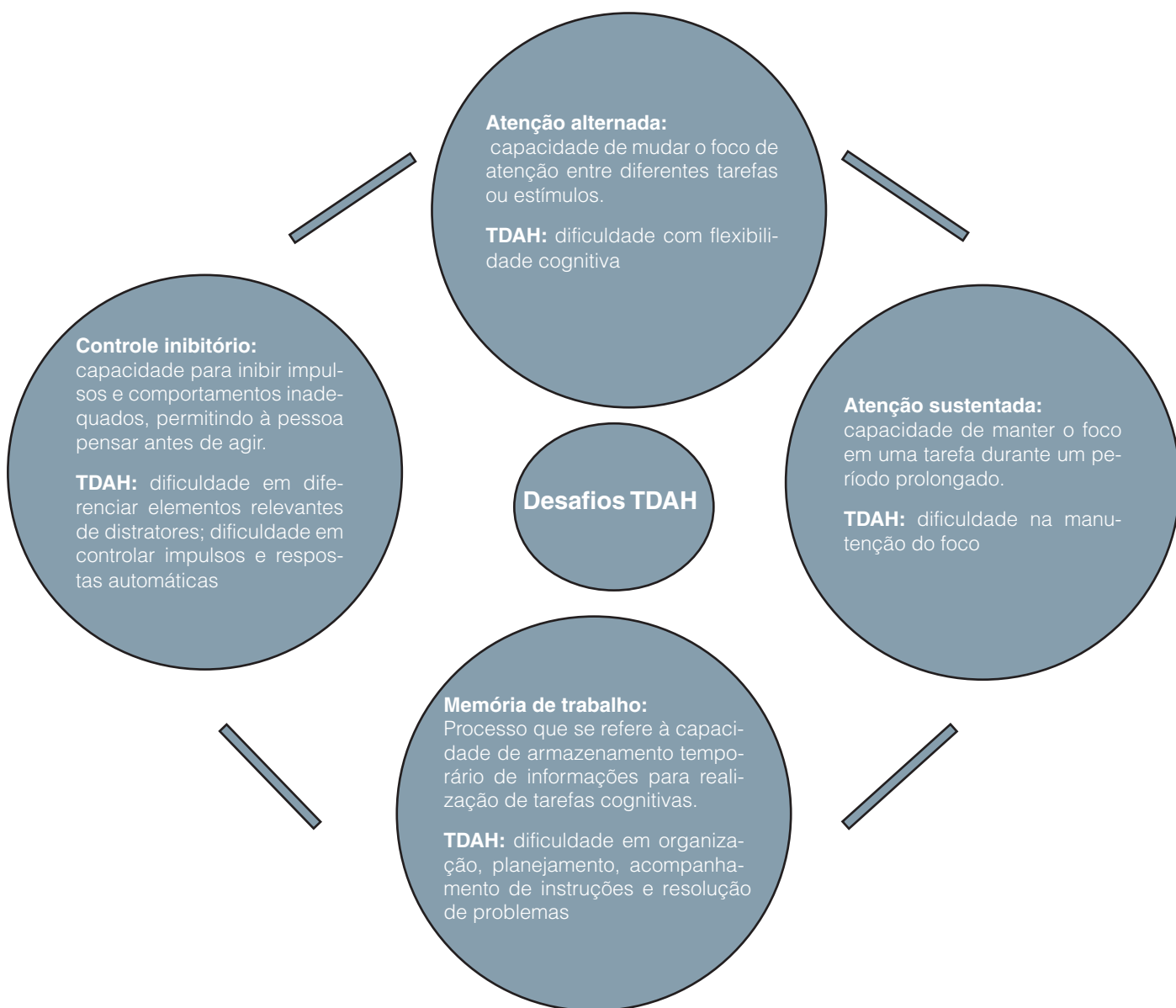
Importante ressaltar que os critérios que permitem o diagnóstico do TDAH estão presentes na pessoa desde a primeira infância, período no qual pais ou cuidadores da criança relatam agitação motora incomum. No entanto, por ser uma idade na qual as crianças são naturalmente agitadas, dificulta caracterizar essa agitação como critério de diagnóstico. Assim, é mais frequente que o TDAH seja diagnosticado no Ensino Fundamental, período no qual a desatenção se destaca, trazendo prejuízos ao desenvolvimento da pessoa (APA, 2023).



Uma proporção substancial de crianças com TDAH permanece relativamente prejudicada até a vida adulta. Na pré-escola, a principal manifestação é a hiperatividade. A desatenção fica mais proeminente nos anos do ensino fundamental. Na adolescência, sinais de hiperatividade (p. ex., correr e subir em coisas) são menos comuns, podendo limitar-se a comportamento mais irrequieto ou sensação interna de nervosismo, inquietude ou impaciência. Na vida adulta, além da desatenção e da inquietude, a impulsividade pode permanecer problemática, mesmo quando ocorreu redução da hiperatividade (APA, 2023, p. 181).

Entre os alunos com TDAH inscritos no Núcleo de Acessibilidade Pedagógica (NAPE) do Centro Universitário São Camilo, é recorrente o relato de dificuldades de aprendizagem no período da Educação Básica, sendo: dificuldade de acompanhar os ritmos de aprendizado da turma, dificuldade de acompanhar o ritmo de explicação dos docentes, dificuldade em organizar a agenda de atividades acadêmicas, procrastinação e dificuldade em permanecer todo o tempo de aula sentado e focado na aula. Relatam ainda terem passado por recuperação em diversas disciplinas na Educação Básica, sendo que alguns alunos reprovaram um ano durante essa fase do aprendizado.

O fato é que as pessoas com TDAH enfrentam desafios para o aprendizado, em todas as fases do desenvolvimento, por terem habilidades cognitivas alteradas, conforme demonstrado no esquema a seguir, o qual apresenta as funções comumente prejudicadas nas pessoas com TDAH, ressaltando que estas podem variar de pessoa a pessoa e conforme o subtipo do transtorno.



Importante se atentar ao seguinte: em relação à memória de trabalho, realizou-se um estudo para avaliar o prejuízo em pessoas com TDAH, considerando os três subtipos do transtorno. Concluiu-se que a memória de trabalho se mostrou alterada nos subtipos desatento e combinado, porém, se mostrou preservada no subtipo hiperativo-impulsivo (Milla-Cano; Gatica-Ferrero, 2020).

Nesse sentido, as adaptações pedagógicas indicadas para os alunos incluídos no NApE com TDAH visam proporcionar um aprendizado equitativo ao minimizar os prejuízos cognitivos e comportamentais que esses alunos possam apresentar, pois, é necessário e urgente que se compreendam as habilidades e competências que eles têm, enfatizando que:

[...] para além dos estereótipos macrossistêmicos da sociedade contemporânea, que enfatizam deficiências e prejuízos, assim como um discurso determinista de fracasso acadêmico de estudantes diagnosticados com TDAH, que haja um olhar direcionado para o que eles pensam, o que conseguem realizar e o modo como aprendem (Papadoulos, 2018, p. 145).

Sendo assim, é relevante considerar individualmente as especificidades dos alunos, traçando indicações personalizadas para cada caso, de forma a possibilitar que evidenciem suas potencialidades e consigam, no processo de formação acadêmica, apreender as habilidades e competências da profissão que escolheram exercer em suas vidas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

MILLA-CANO, C.; GATICA-FERRERO, S. Memoria de trabajo y flexibilidad cognitiva en estudiantes con desarrollo típico y con trastorno de déficit de atención con hiperactividad. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá, v. 38, n. 3, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://revistas.urosario.edu.co/index.php/apl/article/view/7743/9133>. Acesso em: 28 maio 2025.

PAPADOPOULOS, C. R. **A trajetória acadêmica de estudantes universitários diagnosticados com TDAH à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

5. TDAH E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

Isabella Premisleaner Haber

O NApE surgiu em 2016 com o objetivo de garantir acessibilidade aos alunos do Centro Universitário São Camilo. Essa acessibilidade é entendida como uma prática voltada para as necessidades individuais, visando à equidade de oportunidades. Sendo assim, no caso do TDAH, temos a acessibilidade pedagógica, oferecendo adaptações curriculares que permitam o desenvolvimento acadêmico dos indivíduos, de forma autônoma, e reconhecendo as potencialidades de cada um (Lustosa; Ribeiro, 2020).

A acessibilidade é vista como um recurso de inclusão. De acordo com Ribeiro (2016), por meio de uma perspectiva social que parte do princípio do reconhecimento das diferenças, pensando em valorizá-las, cabe à sociedade incluir e permitir a equiparação de oportunidades e participação de todos, sem discriminação.

O funcionamento do NApE ocorre por meio de um acompanhamento das atividades acadêmicas do aluno, o qual terá suas necessidades ouvidas. A partir disso, entende-se quais são as adaptações pedagógicas que devem ser disponibilizadas ao aluno por lei.

Ao longo dessa trajetória, o acompanhamento humanizado já atendeu — e continua atendendo — um total 231 discentes. Entre eles, 94 apresentam o diagnóstico de TDAH. Cabe salientar que, nesse total, não foram contempladas as pessoas que apresentam o diagnóstico de mais de um transtorno do desenvolvimento, como é o caso daqueles que têm TDAH e dislexia. Esses dados podem ser observados na imagem a seguir, na qual o destaque em vermelho é a representação de pessoas com TDAH.



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

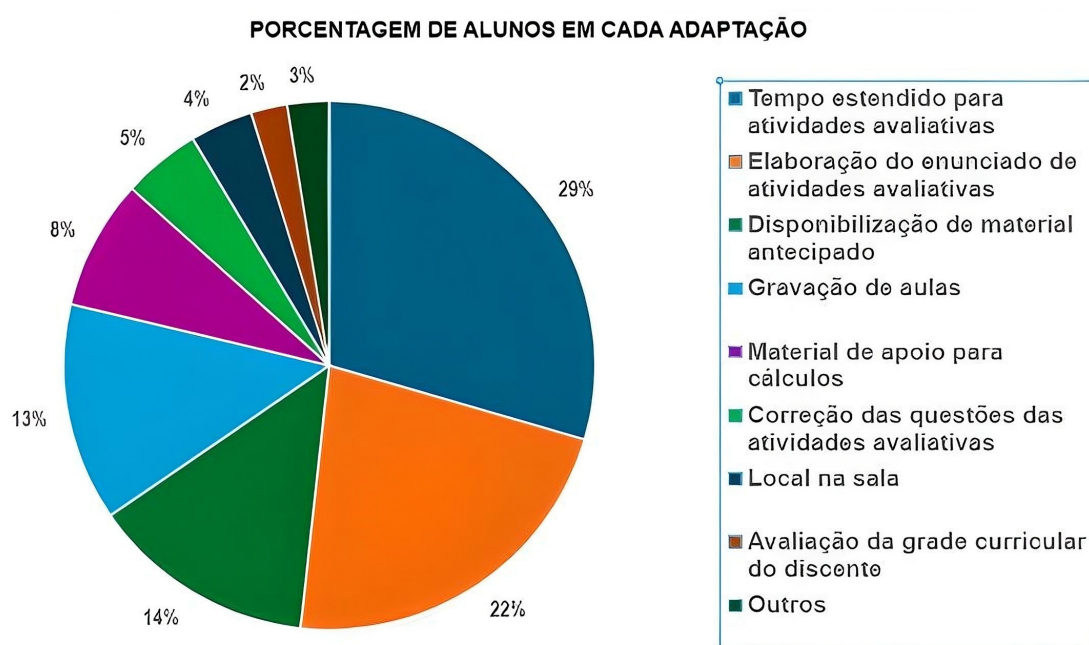
Dentre essas pessoas, temos diferentes histórias e formas de aprendizagem. Dito isso, são realizadas adaptações de acordo com cada uma dessas necessidades. Nos casos apresentados, temos alunos com direito às seguintes adaptações: tempo estendido para atividades avaliativas, elaboração diferenciada do enunciado de atividades avaliativas, disponibilização de material antecipado, gravação de aulas, preferência de local na sala e avaliação da grade curricular do discente, as quais representam adaptações específicas para TDAH, porém, conforme a necessidade específica do aluno, outras adaptações podem ser somadas.

No quadro a seguir, constam as adaptações pedagógicas indicadas pelo NApE para estudantes com TDAH, seguidas das habilidades cognitivas para as quais foram pensadas, a fim de promover o acesso equitativo ao aprendizado.

ADAPTAÇÃO PEDAGÓGICA	PARA QUÊ?
Tempo estendido para a realização das atividades avaliativas (recomendado em 25% de tempo adicional). A prova, quando solicitado o tempo estendido, será realizada em local separado e apropriado à atividade (preferencialmente em local com poucos distratores).	Atender às dificuldades relativas à atenção sustentada, atenção alternada, memória de trabalho e controle inibitório (diferenciar elementos relevantes dos distratores).
Elaboração diferenciada do enunciado de atividades avaliativas. Atividade avaliativa com marcador (grifo) no enunciado, evidenciando a proposição central da questão, com o objetivo de melhorar a compreensão do que está sendo solicitado.	Atender às dificuldades relativas principalmente a controle inibitório (diferenciar elementos relevantes dos distratores), memória de trabalho e atenção sustentada.
Preferência de local do aluno na sala. É permitido que o aluno se sente em um local no qual possa ter ampla visão do docente.	Atender às dificuldades relativas a atenção sustentada, atenção alternada, memória de trabalho e controle inibitório.
Disponibilização antecipada de material de estudo.	Possibilitar ao aluno saber com antecedência o conteúdo da aula permite que ele realize adaptações, resumos, esquemas e outras estratégias que lhe favoreçam o aprendizado. Atende principalmente às dificuldades relativas à memória de trabalho, porém auxilia na atenção sustentada e atenção alternada.
Gravação de aulas, com o consentimento do docente.	Atender às dificuldades relativas a atenção sustentada, atenção alternada, memória de trabalho e controle inibitório (diferenciar elementos relevantes dos distratores).

Avaliação da grade curricular do discente. Para proposição de redução de disciplinas e/ou das adequações que se fizerem necessárias para melhor aproveitamento do processo de ensino-aprendizado. Essa ação deverá ser orientada pela coordenação do curso no qual o aluno estuda.	Alunos com TDAH podem apresentar dificuldades em aprender no mesmo ritmo que os alunos sem o transtorno. Assim, por vezes, é necessário que seja organizada uma grade curricular, para o semestre, a qual atenda às suas necessidades específicas, permitindo um melhor aprendizado das habilidades e competências exigidas em cada disciplina cursada.
---	--

A combinação das adaptações é realizada individualmente, porém, diversos alunos fazem uso dos mesmos recursos, como pode ser visualizado na imagem a seguir que apresenta a porcentagem de estudantes que utilizam cada recurso.



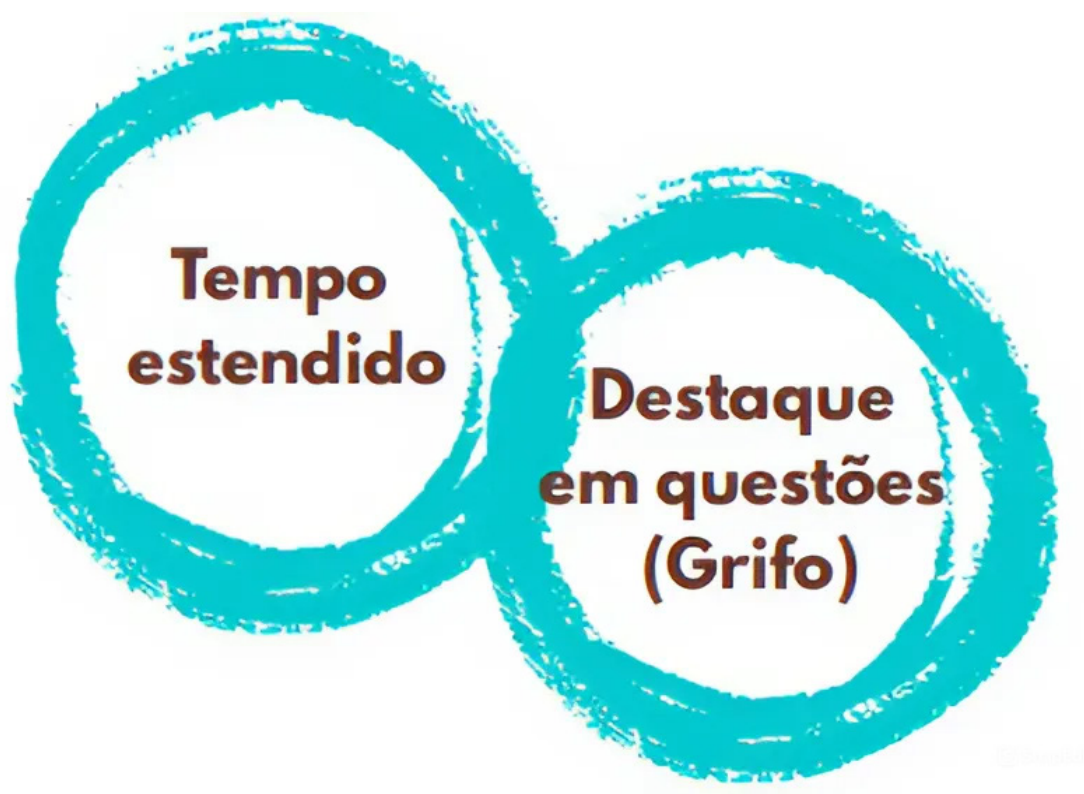
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Levando em conta a adaptação pedagógica de tempo estendido para atividades avaliativas, a porcentagem de 29,5% corresponde a 93 casos que utilizam essa adaptação, ou seja, 98,93% do total de casos de alunos diagnosticados com TDAH (94), apenas uma pessoa não tem indicação para essa adaptação pedagógica. Essa adaptação se caracteriza por maior tempo para a realização de provas teóricas, em local separado, com menor número de distratores. Isso permite que o indivíduo tenha mais possibilidade de desenvolver o raciocínio, visto que, assim como descrito em capítulos anteriores, pessoas com TDAH apresentam maior dificuldade de sustentar a atenção, organizar uma resposta, entre outras dificuldades que podem afetar o momento avaliativo.

Outra adaptação frequente nesses casos é a elaboração diferenciada dos enunciados de atividades avaliativas, que corresponde a 22,2% das adaptações em uso, em que se destaca o comando essencial de cada questão, permitindo que o aluno destine maior atenção ao que é necessário para o entendimento de qual deve ser a resposta. Nos dados observados, 70 dos 94 alunos utilizam essa adaptação, sendo 74,46%.

Contudo, geralmente as adaptações são indicadas dentro de uma combinação específica para cada aluno, as quais, no todo, possibilitam essa equidade anteriormente comentada, visando suprir as necessidades específicas apresentadas.

As combinações mais frequentes ocorrem associando o tempo estendido para atividades avaliativas com a elaboração do enunciado. Assim, como descrito anteriormente sobre a função desses recursos, a combinação possibilita um ambiente avaliativo mais favorável, acessível e equitativo, visto que entre as dificuldades apresentadas por pessoas com TDAH, estão as dificuldades de sustentar atenção, gerenciar o tempo e compreender longos textos. Dessa forma, com essas adaptações, é possível lidar melhor com as dificuldades apresentadas, reduzindo a ansiedade e proporcionando um desempenho mais fiel às suas capacidades (Pansanato; Silva, 2024).



Outra possibilidade frequente é a combinação de tempo estendido para atividades avaliativas, elaboração diferenciada do enunciado, disponibilização de material antecipado e gravação de aulas. Assim como na combinação mencionada no parágrafo anterior, essa estratégia torna o ambiente avaliativo mais acessível e equitativo. Algumas pessoas enfrentam dificuldades no processo de preparação anterior à avaliação, especialmente durante o estudo.

Para ajudar nesse aspecto, a associação desses recursos – disponibilização de material antecipado e gravação de aulas – possibilita um melhor desempenho no momento dos estudos. Isso acontece porque a repetição, que é muito benéfica para pessoas com TDAH, permite que elas revisitem o conteúdo quantas vezes forem necessárias para compreender melhor. Além disso, assistir às aulas já sabendo o conteúdo que será ministrado aumenta a concentração e o interesse, tornando o processo de aprendizagem mais eficiente e agradável.



Ao final do semestre letivo, os alunos recebem um formulário de acompanhamento para que possam discorrer sobre o aproveitamento do semestre. Nesse formulário, uma das perguntas a serem respondidas é “Qual adaptação pedagógica mais lhe ajudou?”. Ao analisar as respostas, entre 2021 e 2024, de todos os alunos que apresentam o TDAH como seu único transtorno de desenvolvimento, temos 55 ocorrências de respostas sobre o tempo estendido para atividades avaliativas e 13 sobre a elaboração diferenciada do enunciado de atividades avaliativas. Além disso, diversas vezes, estudantes pontuam elogios e agradecimentos em relação à acessibilidade e ao acolhimento recebidos.



Relato de alunos ao responder “Qual adaptação pedagógica mais lhe ajudou?” no formulário.

Em suma, as adaptações pedagógicas tornam-se importantes para evidenciar as potencialidades de cada indivíduo, visto que, a partir delas, é possível tornar real a acessibilidade, viabilizando a equidade de oportunidades para todos, independentemente do diagnóstico ou da dificuldade, podendo essas adaptações serem disponibilizadas no Ensino Superior, no mercado de trabalho, na pesquisa científica e em qualquer lugar em que forem necessárias.

REFERÊNCIAS

LUSTOSA, F. G.; RIBEIRO, D. M. Inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior: exigências de reconfiguração de saberes, concepções e práticas docentes. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 2, p. 1523-1537, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13825/9336>. Acesso em: 28 maio 2025.

PANSANATO, L. T. E.; SILVA, B. R. da. Um conjunto de diretrizes para a adaptação de avaliações de aprendizagem para alunos com TDAH. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 9, e17713, p. 1-21, 2024. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr/article/view/17713>. Acesso em: 28 maio 2025.

RIBEIRO, D. M. **Barreiras atitudinais**: obstáculos e desafios à inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior. Curitiba: CRV, 2016, p. 42-44.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este *e-book*, trouxemos para você, leitor, um pouco do universo da pessoa com TDAH, visto que, cada vez mais, nos deparamos, na vida e nos ambientes acadêmicos, com pessoas diversas, com características e necessidades diferentes.

Esperamos que, com ele, você possa ter compreendido um pouco mais sobre neurociência e diversidade, bem como sobre os processos que envolvem a aprendizagem, como memória, atenção e funções executivas. Também é importante ressaltar como a motivação e as emoções influenciam nesse processo e, portanto, a postura do professor frente às dificuldades de seus alunos é um aspecto que não pode ser negligenciado.

Apresentamos algumas estratégias que podem ser utilizadas pelo professor em suas aulas, sempre lembrando que, quando a aula se torna acessível para os alunos que apresentam mais dificuldades, ela é aprimorada para todos os alunos.

Os dados do NApE podem servir como referência para que o leitor entenda como oferecer acessibilidade pedagógica a esses alunos. Vimos aqui que algumas mudanças simples, como o grifo no enunciado das questões de provas e a disponibilização antecipada de material, podem não apenas melhorar a aprendizagem, mas também a autoestima e o sentimento de pertencimento.

O NApE se mantém à disposição da comunidade acadêmica para esclarecimentos sobre a cultura inclusiva na Educação Superior e para a implementação de ações para que o aprendizado aconteça.

Fica aqui nosso abraço,

As autoras



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SÃO CAMILO